

## ANJOS APRISIONADOS E PREGAÇÃO AOS ESPÍRITOS: 1 ENOQUE E O NOVO TESTAMENTO

*Kenner Roger Cazotto Terra<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Neste artigo, analisarei algumas imagens presentes no Novo Testamento para aproximá-las às da apocalíptica judaica, em especial dos textos produzidos pelo movimento ou judaísmo enoquita. A proposta é perceber elementos enoquitas em alguns textos da produção literária cristã (1 Pedro 3,19-22; 2 Pedro 2,4-5 e Judas 6).

Palavras-chave: 1 Enoque, Livro do Vigilantes, anjos aprisionados, espíritos aprisionados, apocalíptica, dialogismo.

### **Abstract**

In this article, I will analyze some present images in the New Testament to bring them to the Jewish apocalyptic, especially the texts produced by motion or Enochic Judaism. The proposal is to identify elements of 1 Enoch in some texts of literary Christian (1 Peter 3, 19-22; 2 Peter 2,4-5 and Jude 6)

Keywords: 1 Enoch, Book of the Watchers, imprisoned angels, imprisoned spirits, apocalyptic and dialogism.

---

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em Ciências da Religião (UMESP). Membro da ABIB (associação brasileira de interpretação bíblica), do grupo Oracula ([www.oracula.com.br](http://www.oracula.com.br)) e da REJU (Rede Ecumênica de Juventude).

## Introdução

C. Rowland e Christopher R. Morray-Jones fazem a seguinte afirmação: “O Cristianismo Antigo nasceu como um movimento apocalíptico no Judaísmo”<sup>2</sup>. Essa reproduz resumidamente os resultados de anos de pesquisas a respeito do Cristianismo, ou melhor, dos Cristianismos das origens. É consenso, como as atuais pesquisas reconhecem, que o imaginário religioso da apocalíptica judaica serviu símbolos, temas, motivos literários e códigos para várias práticas e textos do movimento inaugurado por Jesus, um profeta apocalíptico que anunciou a chegada do reino escatológico de Deus no período do segundo templo. E, como tudo no Brasil chega atrasado, pelo menos na academia, a pesquisa ao *corpus* literário da apocalíptica judaica do segundo templo é algo novo para nós, enquanto na exegese européia e norte-americana há anos já se investiga a importância desse grupo de textos para a leitura do Novo Testamento.

Entre a grande produção literária conhecida como apocalíptica judaica, encontramos o livro de 1 Enoque, uma obra composta por cinco livros: Livros dos Vigilantes (6-36), Parábolas de Enoque (37-71), Livro Astronômico (72-82), Livros dos Sonhos [com o apocalipse dos Animais] (83-90) e Epístola de Enoque (91-105). Dentro da Epístola de Enoque encontramos o *Apocalipse das Semanas* (93, 1-10; 91, 11-17).

Em 1912 R. H. Charles, na introdução de sua tradução para o inglês do livro de 1 Enoque, apresenta muitas especulações dessa relação de dependência<sup>3</sup>. A esse trabalho Vanderkam faz uma sensata crítica:

Charles encontra dois tipos de evidências nos escritos do Novo Testamento: passagens em que sua fraseologia ou idéia dependem ou são ilustrativas de passagens relacionadas a *1 Enoque* e doutrinas de *1 Enoque* que poderiam ter moldado os ensinamentos do Novo Testamento. Mas essa lista é enganosa, porque somente um pequeno número de seus paralelos é sério candidato para direta ou até indireta influência (...). Charles pode ter acertado ao afirmar que alguns escritos do Novo Testamento foram influenciados por 1 Enoque, mas somente em alguns casos podemos dizer com confiança que o Novo Testamento apresenta influências de 1 Enoque<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> ROWLAND, C.; MORRAY-JONES, Christopher R. A. *The Mystery of God. Early Jewish Mysticism and the New Testament* (Compendia Rerum Judaicarum ad Novum Testamentum, Volume 12) Leiden, Brill Academic, 2009, p. 11

<sup>3</sup> Cf. CHARLES, R. H. *The Book of Enoch or 1 Enoch*. Oxford, Clarendon, 1912.

<sup>4</sup> VANDERKAM, James C. *Enoch, a Man for All Generations*. Columbia, University of South Carolina Press, 1995, p. 170.

A crítica de Vanderkam é bem pertinente, pois ao se analisar o trabalho de Charles, e também de Diez Macho<sup>5</sup>, percebem-se muitas alusões forçadas e sem claras e confiáveis bases, pois são citadas nos textos sem muitas explicações exegéticas. No entanto, a importância de 1 Enoque para o Cristianismo é quase inquestionável, pois há, por incrível que pareça, na sua lista canônica até mesmo uma citação direta ao livro enoquita (Jd 14-15). A influência – que não somente pressupõe uma utilização material de uma cópia do texto enoquita, mas também de apropriação e presença imaginária – da literatura apocalíptica na epístola de Judas levou o importante pesquisador G. Nickelsburg a afirmar que “a epístola de Judas tem especial aproximação com o enoquismo e outras tradições não canônicas”<sup>6</sup>. Entre as outras tradições não canônicas, além da enoquita, está o também apocalipse judaico conhecido como *Assunção de Moisés*, citado no verso 9: “E, no entanto, o arcanjo Miguel, quando disputava com o diabo, discutindo a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a pronunciar uma sentença injuriosa contra ele, mas limitou-se a dizer: ‘O Senhor te repreenda!’”.

R. Bauckham, tendo a mesma impressão de Nickelsburg, é mais radical e conclui que o autor de Judas poderia pertencer a um círculo apocalíptico da Palestina<sup>7</sup>. Por isso, o grande interesse por esses livros judaicos do terceiro e segundo séculos antes da era comum.

Ainda mais interessante é a presença do tema de anjos aprisionados em Judas 6, o qual está em íntima relação com 2 Pedro 2, 4-5 cujas imagens remetem, também, nosso olhar para o texto de 1 Enoque.

Deixando de lado os exageros, testaremos neste ensaio, especificamente o Mito dos Vigilantes, preservado no Livro dos Vigilantes, a importância desse *corpus* literário para compreensão de 1 Pedro 3,19 e dos outros textos supracitados (2 Pedro 2,4-5 e Judas 6).

Para isso, apresentar-se-á o Mito dos Vigilantes e depois serão analisados os textos escolhidos.

---

<sup>5</sup>DIEZ MACHO, Alejandro. *Apócrifos del Antiguo Testamento*, Vol. V. Madri, Ed. Cristiandad, 1987, p. 32.

<sup>6</sup>NICKELSBURG, George W. E. *1 Enoch: a Commentary on the Book of 1 Enoch, chapters 1-36; 81-108*. Minneapolis, Fortress, 2001, p. 86.

<sup>7</sup>BAUCKHAM, R. Jude, Epistle of. In: FREEDMAN, D. N. *Anchor Bible Dictionary*. New York, Doubleday, 1992, p. 1102.

## MITOS DOS VIGILANTES: MULHERES SEDUTORAS E ANJOS LIBERTINOS.

Sobre Mito dos Vigilantes, em 1 Enoque, há duas tradições (1 En 6-11; 12-16), que serão apresentadas juntamente com o conteúdo geral do Livro dos Vigilantes. O livro pode ser dividido em três grandes partes<sup>8</sup>: introdução (1-5); história dos Vigilantes (6-16) e viagens de Enoque (17-36). Vanderkam faz uma divisão ainda mais complexa. Ele divide os capítulos do Livro dos Vigilantes da seguinte maneira<sup>9</sup>:

1-5: Uma repreensão escatológica

6-11: História sobre a descida dos anjos e pecado

12-16: Enoque e a petição dos Vigilantes

17-19: Primeira jornada de Enoque

20-36: Segunda jornada de Enoque

A introdução, dos capítulos 1-5, inicia dizendo serem “as palavras da bênção de Enoque”, na qual ele abençoa os justos e eleitos que estarão presentes no dia da aflição, quando forem destruídos os ímpios e malvados (1,1-2). Este ato de abençoar relembra a bênção mosaica de Dt 33, num contexto escatológico; esta é uma paráfrase da bênção final de Moisés<sup>10</sup>. No verso 2 o texto toma emprestadas as imagens do oráculo de Balaão de Nm 22-24. Os capítulos de 1-5 nas últimas pesquisas são vistos como introdução não para o livro todo, mas para o Livro dos Vigilantes<sup>11</sup>. Contudo, em sua forma final, torna-se introdução da obra inteira de I Enoque.

Essa introdução apresenta uma profecia na qual Deus iniciaria um julgamento tendo como reminiscência as teofanias de Dt 33, Juizes 4, Habacuque 3, Miquéias 1 etc<sup>12</sup>. A introdução ao livro, em suma, mostra o conjunto da criação que obedece ao Criador, enquanto os homens não cumprem os desígnios divinos. Por isso, acontece o dilúvio onde somente os eleitos se salvarão e viverão uma vida de paz e gozo.

---

<sup>8</sup> COLLINS, J.J. *The Apocalyptic Imagination: an Introduction to the Jewish Matrix of Christianity*. New York, CROSSROAD, 1989, p.36.

<sup>9</sup> VANDERKAM, James C. *Enoch and the Growth of an Apocalyptic Tradition*. Washington, DC: The Catholic Biblical Association of America, 1984.

<sup>10</sup> GARCÍA MARTÍNES, Florentino. *Qumran and Apocalyptic. Studies on the Aramaic Texts from Qumran*. LEIDEN. NEW YORK. KÖLN, E.J. Brill, 1994, p.61.

<sup>11</sup> GARCÍA MARTÍNES, Florentino. *Qumran and Apocalyptic...* p. 61.

<sup>12</sup> Vanderkam percebeu que existe clara dependência na narrativa teofânica de I Enoque 3b- 7,9 das teofanias veterotestamentárias, tanto nos temas como no vocabulário. Ver: VANDERKAM, James C. The Theophany of Enoch. In: *Vetus Testamentus* 23, n. 2 (1973): 129-150.

De acordo com o relato dos capítulos 6-11, um grupo de seres angelicais, nomeados como *Vigilantes*<sup>13</sup>, atraiu-se pela beleza das filhas dos homens [mulheres] e conspiraram entre si sob a liderança de *Semiaza*, com o propósito de possuírem-nas.

Quando os filhos dos homens se multiplicaram, naqueles dias, nasceram-lhes filhas bonitas e graciosas. E os vigilantes, filhos do céu, ao verem-nas, as desejaram e disseram entre si: “Venham, escolhamos para serem nossas esposas as filhas dos homens, e tenhamos filhos!” Disse-lhes então o seu chefe Semiaza: “Eu receio que vós não queirais realizar isso, deixando-me no dever de pagar sozinho o castigo de um grande pecado.” Eles responderam-lhe e disseram, “Nós todos estamos dispostos a fazer um juramento, comprometendo-nos a uma maldição comum mas não abrir mão do plano, e assim executá-lo.” Então eles juraram conjuntamente, obrigando-se a maldições que a todos atingiram. Eram ao todo duzentos os que, nos dias de Jared, haviam descido sobre o cume do monte Hermon. Chamaram-no Hermon porque sobre ele juraram e se comprometeram a maldições comuns. (1 Enoque 6,1-5)

Com o contato com os seres humanos, os vigilantes ensinaram a arte da metalurgia e da confecção de armas. Às mulheres ensinaram a arte de ornamentar-se (maquiagem, etc.), a arte de adivinhação, magia, encantamentos, astrologia e cultivo de raízes:

Azazel ensinou aos homens a arte de fabricar espadas, facas, escudos, armadura peitoral, e técnicas para os metais, braceletes e adornos; como pintar os olhos e embelezar as sobrancelhas. Entre as pedras preciosas, escolher as mais caras e preciosas, e a metalurgia. Houve grande impiedade e muita fornicção, e corromperam os bons costumes. (8,1-3).

No texto grego ainda aparece o ensinamento de trabalhar com as plantas<sup>14</sup>. O professor Paulo Nogueira fez um didático inventário dos ensinamentos dados pelos anjos, e seus respectivos nomes presentes na narrativa<sup>15</sup>:

---

<sup>13</sup> Em nota Vanderkam diz: “O termo *Vigilantes*, do aramaico ‘îrîn (em inglês traduzido por *Watchers*), pode se referir tanto para bons ou maus anjos. Em Dn 4,13.17.23 é usado para anjos que servem a Deus; em outro lugar, como no Livro dos Vigilantes, ele é um título para os anjos de Gn 6, 1-4 que desceram para terra e pecaram com as filhas dos homens”. VANDERKAM, James C. *Enoch and the Growth...* p.110. Segundo Rick Strelan a palavra ‘îr provavelmente deriva do hebraico/aramaico rw[ que significa “estar acordado/atento”, embora ele creia que a idéia carregue o significado de “proteção”. Cf. STRELAN, R. The Fallen Watchers and the Disciples in Mark. In: *Journal for the Study of the Pseudepigrapha* 20 (1999): 73-92. Este é um termo peculiar para literatura apocalíptica. O substantivo refere-se em Dn 4,13 a um anjo, onde na LXX ry[ é traduzido como a[ggeloj. Na edição de Charlesworth, Issac traduz o termo etiópico *TEGUHAN* como “diligentes guardas”. Cf. ISAAC, E. I (Ethiopic Apocalypse of) Enoch: A New Translation and Introduction. In: CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Vol. I. New York, Doubleday, 1983, p. 13. Para mais detalhes sobre questões semânticas do conceito ‘îr ver: MURRAY, R. The Origin of Aramaic ‘îr, Angel’. In: *Orientalia* (n.s.) 52 (1984): 303-17.

<sup>14</sup> BLACK, M. *Apocalypsis Henochi* Grace. PVTG 3. Lieden, Brill, 1970.

<sup>15</sup> NOGUEIRA, Paulo A. S. O Mito dos Vigilantes: apocalípticos em crise com a cultura helenista. *Religião e Cultura*, n. 10 (2006): 145-155.

Azazel: a metalurgia (para fabricar armas) e a cosmética.

Amerazak: magia (encantamentos e raízes)

Armaros: como anular encantamentos

Baraquiél: os astrólogos

Kokabiel: os signos

Tamiel: astrologia

Asradel: o ciclo lunar.

Os Vigilantes ao terem relações sexuais com as mulheres geraram gigantes. Esses seres híbridos comeram toda a alimentação da terra, e depois os próprios seres humanos (7,1-6). Com o derramamento de sangue a humanidade clamou a Deus (8,4).

Ao ver o caos instaurado sobre a terra, os anjos Miguel, Sariel, Rafael e Gabriel, que estavam no céu, intercederam ao Altíssimo a favor da humanidade (1 Enoque 9). Em resposta à solicitação dos anjos, Deus envia o anjo Sariel para alertar Noé do iminente julgamento que viria sobre o mundo.

A narrativa continua, Deus envia Rafael para prender Azazel nas profundezas do deserto, onde ficaria até o julgamento final (10,4-6). O texto apresenta uma purificação futura [dilúvio] por causa dos segredos celestiais que foram ensinados (10,6). Depois, Deus envia Gabriel a fim de destruir, sem misericórdia, os gigantes (10,4-12):

Para Gabriel disse o Senhor: “vá a eles, os bastardos [gigantes], à raça mestiça, filhos da fornicção, e aniquila os filhos dos vigilantes que estão entre os homens. Coloca-os uns contra os outros, para que se matem mutuamente. Não se prolongue mais os dias de suas vidas!”

E a Miguel, Deus ordenara que prendesse *Semiaza* e os anjos rebeldes, e os encarcerassem por sete gerações nos vales profundos da terra, até o dia do juízo final, quando finalmente serão lançados no fogo eterno (10,11-15), quando então florescerá a justiça e a paz entre os justos da terra (10,16-11,2).

O Bloco 12-16 de 1 Enoque já é uma releitura do bloco 6-11<sup>16</sup>. Naqueles, Enoque é inserido e serve como ponto de partida para sua jornada revelatória. J. J. Collins diz que “como capítulos transacionais eles servem como chave para a maneira na qual os livros são conectados. Enoque é introduzido especialmente em resposta à crise causada pelos vigilantes,

---

<sup>16</sup> NICKELSBURG, George W. E. and VANDERKAM, James C. *1 Enoch: A new translation*. Minneapolis, Fortress, 2004, p. 3.

e atua como intermediário no céu”<sup>17</sup>. Nesses capítulos, Deus o comissiona como seu mensageiro, papel que era reservado aos anjos, para anunciar aos Vigilantes seu julgamento. Nesses capítulos (12-16), os anjos Vigilantes são descritos como “sacerdotes” que abandonaram sua posição sacerdotal no templo celestial e “atravessaram” a fronteira entre céus e Terra, fornicando com mulheres e se contaminando com o sangue delas (15,4). A figura de Azazel é proeminente, enquanto Semiaza desaparece.

A condenação de Azazel é anunciada depois do julgamento de todos os Vigilantes (13, 1-3). Então, aparece a cena de intercessão de Enoque em favor dos anjos a Deus. Suas petições são negadas, e a única coisa que resta a eles é a condenação e desgraça futura (13,4-10)<sup>18</sup>.

Os gigantes são condenados à destruição (14,5). Contudo, com a morte desses, filhos das mulheres com os anjos, seus espíritos são liberados e transformam-se em espíritos malignos gerando uma vasta proliferação de demônios.

Agora, os gigantes nascidos da união de espírito com carne serão chamados de espíritos malignos na terra e sobre a terra terão sua morada (...), maus espíritos serão sobre a terra. Os espíritos dos gigantes, os *Nefilins* oprimem, corrompem, atacam, pelejam, promovem a destruição; comem e não se fartam, bebem e não matam a sede. Esses espíritos atacam homens e mulheres, pois desses procederam (...). Aonde quer que haja sido os espíritos de seu corpo, pereça sua carne até o dia da grande consumação do juízo, com a qual o universo perecerá com os vigilantes e ímpios. (15,8-16,1).

No capítulo 17, Enoque inicia sua jornada guiado pelos anjos: “me levaram a um lugar que onde os que estão são como fogo abrasador, e quando querem, aparecem como anjos” (17,1). Na sua primeira viagem Enoque é transladado às câmaras da luz, raios, tronos e águas primordiais. Ali contempla os depósitos dos ventos e o lugar final do castigo dos anjos (estrelas): “Vi as câmaras de todos os ventos... vi os fundamentos da terra” (18,1). Segundo esta primeira jornada, ele vê os anjos que se uniram às mulheres: “aqui permanecem os anjos que se uniram às mulheres”. Eles são acusados de levarem os homens a adorarem aos demônios (19,1). E a Enoque é confirmada a condenação desses no dia do juízo. Assim, o capítulo 19 termina com uma conclusão dessas primeiras visões (19,3).

No capítulo 20 há uma listada de anjos. No manuscrito etíope são listados seis, mas no

---

<sup>17</sup> COLLINS, J.J. *The Apocalyptic Imagination...* p. 36.

<sup>18</sup> Os capítulos 14-16 mostram as visões de Enoque concernentes à condenação dos Vigilantes.

manuscrito grego há sete. Os primeiros quatro anjos são citados durante a segunda jornada de Enoque (Uriel, Rafael, Reuel e Miguel). A cada anjo é dada uma função, que serve como uma introdução para a segunda viagem de Enoque. Para Diez Macho esse texto deveria estar depois do capítulo 9<sup>19</sup>.

Assim, no capítulo 21 a viagem é prolongada; alguns chamam de segunda viagem de Enoque. Primeiro ele vai até o caos, um lugar “deserto e terrível”. Guiado por Uriel, que dialoga com ele, é revelada a identidade dos presos daquele lugar terrível: seriam os anjos que pecaram contra as ordens de Deus, e foram aprisionados por toda eternidade.

No capítulo 22 Enoque é levado para outro lugar. É onde estão os espíritos dos mortos, presos até os dias do julgamento. Neste lugar estavam tanto as almas dos justos como dos pecadores. O lugar é dividido em quatro sessões: 1º (22, 5-7) para os justos que sofreram perseguição e morte injusta, tendo como tipo Abel; 2º (22, 8-9) está o resto dos justos; 3º sessão (22, 10-11) os pecadores que não sofreram nenhum castigo enquanto vivos e a 4º sessão (12-13), onde estão os pecadores perseguidos durante sua vida e assassinados por outros pecadores. Contudo, esta divisão do lugar visto por Enoque tem suas controvérsias. Charles e Collins<sup>20</sup> contam somente três lugares, enquanto Knibb, como Diez Macho, contam quatro. Para Knibb a divisão seria assim: 1º para os justos em geral (22, 9b), 2º (22, 10-11) para os ímpios prósperos, 3º (22, 12) para os justos martirizados e 4º (22,13) para os ímpios que sofreram em vida<sup>21</sup>. Assim, o capítulo 22 termina com uma espécie de conclusão: “Bendito és meu Senhor, Senhor da glória e justiça, que reinas eternamente”.

Nos capítulos 23-26 Enoque é levado a vários lugares, ainda dentro do contexto da segunda viagem. Primeiro, a outro lugar no ocidente até os confins da Terra (23, 1), com auxílio do anjo Reuel; depois para outro lugar na terra, onde viu um monte de fogo que clareava de dia e de noite (24, 1), ali há sete montes esplendorosos (24, 2). O sétimo era rodeado por árvores aromáticas. Este monte era onde estava sentado o Senhor da glória (v.3). Numa linguagem escatológica, o texto diz que esse aroma será acessado pelos justos depois do juízo. No verso 7 do cap. 24 novamente há uma exaltação a Deus como em 22,14. Na terceira deslocação de Enoque ele vai para o centro da terra: “De lá fui pelo centro da terra e vi um lugar bendito e fecundo” (26,1), onde viu o monte santo. Esta é uma referência a Jerusalém. Nas cenas dos capítulos 26 e 27 o anjo que está ao lado de Enoque é Rafael, que

---

<sup>19</sup> DIEZ MACHO, Alejandro. *Apócrifos del Antiguo Testamento...* p.56.

<sup>20</sup> CHARLES, R. H. *The Book of Enoch*; COLLINS, J. J. *The Apocalyptic Imagination...* p. 1-17.

<sup>21</sup> DIEZ MACHO, Alejandro. *Apócrifos del Antiguo Testamento...* p.58.



explica para quem seria o vale que viu no capítulo 26: “Este vale maldito é para os malditos até a eternidade” (27,2).

Nos capítulos 28-33 Enoque é levado na metade da montanha do deserto, que talvez seria *Arabah*, vale regado pelo Jordão<sup>22</sup>. Nesta parte da viagem ele contempla árvores aromáticas. Acima dos lugares das árvores que exalavam perfume, ele vê lugares de águas inesgotáveis. Depois de contemplar as árvores aromáticas, ele vai para cima de sete montes, no capítulo 32, e depois de passar o mar Eritreo (Golfo Pérsico, Oceano Índico) e Zotiel, ele chega ao paraíso, onde havia ainda mais árvores aromáticas. No meio das árvores, ele encontra a árvore do conhecimento, do livro de Gênesis. O capítulo termina com Rafael identificando a árvore: “Esta é a árvore do conhecimento, a qual comeram teu antigo pai e antiga mãe antes de você, e adquiriram sabedoria e abriram seus olhos de modo que perceberam que estavam nus e foram expulsos do paraíso” (26,6).

Segundo Nickelsburg, em seu comentário, a descrição da árvore do conhecimento em 26,3-6 e a *árvore da vida* em 24,4–25,6, em paralelo, é suficiente para indicar que os textos foram compostos por um mesmo autor, ou que um foi composto com o outro em mente. Chama atenção, também, uma importante diferença: a árvore da vida, localizada no paraíso montanhoso de Deus, tinha grande significado escatológico; ela pode ser transplantada para Nova Jerusalém, o local da vida eterna no futuro. Diferentemente da árvore do conhecimento, limitada ao passado histórico em relação com os primeiros pais.<sup>23</sup>

Depois de passar pelo paraíso, Enoque vai para os confins da terra, onde vê enormes bestas, distintas uma das outras, e compara-as às aves. Paralelo ao Livro Astronômico, nos versos 3-4 aparecem instruções sobre os astros dos céus, suas constelações, posições, número e tempo. Tudo isso ele anota em escrito, para guardar os seus nomes, leis e funções.

A sessão de 1 Enoque 34-36,4 é a conclusão do livro dos Vigilantes na sua presente forma (etíope), e especificamente a conclusão da segunda jornada iniciada no capítulo 21. Enoque vai para o norte, leste, sul e depois volta para o oeste e contempla três portas abertas no céu, de onde saem os ventos. Estas portas estão presentes no norte (cap. 34), no ocidente (cap. 35), no sul e no oriente (cap. 36). Depois de passar pelos pontos cardeais, ele volta para o oriente (leste) de onde ele saiu no capítulo 33. Nickelsburg acredita que 34,2-3 e 36,1

---

<sup>22</sup> DIEZ MACHO, Alejandro. *Apócrifos del Antiguo Testamento...* p. 61.

<sup>23</sup> NICKELSBURG, George W. E. *1 Enoch...* p. 302.

formam um sumário para o capítulo 76 de I Enoque<sup>24</sup>.

Como acontece no fim dos capítulos 22, 24, 25, 26 e 27 o texto termina com uma doxologia, bendizendo o Senhor da glória e referindo-se a anjos e seres humanos, acrescentando um cósmico escopo para a conclusão do livro dos Vigilantes.

Agora que conhecemos o Livro dos Vigilantes, em especial o Mito dos Vigilantes, leiamos os textos privilegiados para nossa exegese.

### **OLHAR SOBRE 1 PEDRO 3, 19-22: PREGAR A ESPÍRITOS?**

A descida de Jesus ao inferno, ou aos infernos, até hoje é alvo de discussões entre os leitores da Bíblia. Desde a expressão *descendit ad inferos* inserida no Credo de Atanásio encontramos alhures reflexões sobre o assunto: Será que Jesus realmente desceu até as regiões infernais? Ou melhor, será que 1 Pedro 3,19-22 pode servir de base para existência desse tipo de crença no imaginário do (s) Cristianismo (s) da (s) Origem (ns)? Essa resposta serve para essa parte do artigo porque mostra a importância de 1 Enoque.

No texto petrino supracitado, nos primeiros versos da perícopa (v. 13-18), o redator consola os destinatários da carta aproximando os sofrimentos da comunidade ao sofrimento de Cristo. Segundo J. Elliott, em uma análise sociológica dos destinatários – os *paroikoi* e *parapidemoi* (peregrinos residentes e peregrinos transeuntes) –, as perseguições limitavam-se a difamações e calúnias por parte dos seus concidadãos na Ásia Menor<sup>25</sup>. Não podemos entrar em detalhes sobre isso, basta-nos saber que a missiva desejava fortalecer e consolar um grupo de peregrinos convertidos ao Cristianismo.

O texto diz ser melhor sofrer injustamente por causa do bom procedimento em Cristo, do que justamente por ações dignas de condenação (3,16). E mais, ele fortalece sua argumentação usando como paradigma o sacrifício de Cristo, que representa um justo sofrendo consequências injustas, com um único propósito: “para conduzir-vos a Deus” (v.18). Ou seja, se o caminho de salvação dos destinatários construiu-se exatamente na lógica do sofrimento injusto do justo, no programa da vontade de Deus, o que impediria os dependentes desse processo de passarem pela mesma experiência de injustiça? É tanto, que no verso 17 o texto evoca a vontade de Deus para falar do sofrimento da comunidade. Essa experiência de

---

<sup>24</sup> NICKELSBURG, George W. E. *1 Enoch...* p. 307.

<sup>25</sup> ELLIOTT, J. H. *Um Lar Para Quem Não Tem Casa: Introdução sociológica a primeira carta de Pedro*. São Paulo, Paulinas, 1985.

dor, por mais confusa que fosse, indicava uma participação nas dores vividas por Jesus. Contudo, esse que morreu em carne foi vivificado em/no espírito (v.18).

Neste exato contexto aparece a desconcertante afirmação: “no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão...” (v.19). Quem seriam os espíritos? Na continuidade do texto somos informados que esses foram, em outro tempo, desobedientes a Deus (v.20). Em que ocasião ocorreu essa desobediência? O texto informa: nos dias de Noé, na ocasião do dilúvio. Pronto, o texto diz que os espíritos aprisionados no contexto do dilúvio receberam algum tipo de proclamação de Jesus. Até pouco tempo tinha-se a ideia de uma possível pregação do evangelho aos mortos no dilúvio, porque o texto usa o verbo *kerysso* (anúncio), mas isso é muito improvável, como veremos.

A respeito do que o texto está falando? Esses espíritos receptores da proclamação de Jesus seriam espíritos humanos? Agostinho diria que sim, mas as pesquisas atuais afirmam definitivamente que não<sup>26</sup>.

Para entendermos melhor o texto e colocarmos um pouco de luz nas questões levantadas, podemos ler a passagem utilizando o conceito “dialogismo” de Bakhtin, o qual pressupõe que o enunciador para constituir um discurso leva em conta o(s) discurso(s) de outrem presente no seu. E como disse José Fiorin, interpretando esse conceito bakhtiniano, “todo discurso inevitavelmente é atravessado pelo discurso alheio”<sup>27</sup>. Assim, “dialogismo” é as relações de sentido estabelecidas entre dois enunciados. Segundo esse teórico, o dialogismo é o modo real de funcionamento da linguagem. Um enunciado, que pode ter como suporte um texto escrito, sempre estará em relações contratuais ou polêmicas, de divergência ou convergência, de aceitação ou recusa, de acordo ou desacordo com outros enunciados. E mais, o diálogo com outros discursos é bem criativo e dinâmico. Por isso, a pergunta que devemos fazer ao texto de 1 Pedro 3, 19 é a seguinte: com quais enunciados, ou com quais discursos, esse texto está dialogando? Isso nos ajudará na descoberta da identidade dos espíritos no texto.

Um boa hipótese para a leitura de 1 Pedro é aproximá-lo ao Livro dos Vigilantes. No entanto, aquele faz uma mudança de papéis ao apropriar-se deste. De Enoque, como dizia a

---

<sup>26</sup> ELLIOTT, J. H. 1 Peter: *A New Translation with Introduction and Commentary*. Vol. 37b. The Anchor Bible. New York, Doubleday, 2008, p. 697. Para uma crítica à interpretação feita por Agostinho, e aceita na Idade Média, ver: HIEBERT, D. Edmond. The Suffering and Triumphant Christ: An Exposition of 1 Peter 3:18-22. In: *Bibliotheca Sacra* (1982): 146-158.

<sup>27</sup> FIORIN, José Luiz. *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*. São Paulo, Ática, 2008, p. 19.

tradição judaica, 1 Pedro transporta para Jesus a ação de ir aos espíritos que estão aprisionados desde a época do dilúvio. Então, provavelmente os espíritos citados em 1 Pedro 3,19 são os Vigilantes, que por terem desobedecido às ordens de Deus, causando muitos malefícios à humanidade, foram aprisionados.

Outra questão nessa discussão é se realmente o texto fala sobre "descida", que rapidamente alguns interpretam como *ao inferno*. O particípio aoristo do verbo *poreúomai* (tendo ido), do verso 19, não tem sentido necessariamente de “descer”. Este verbo é utilizado na literatura do Novo Testamento, fora do texto petrino, para falar da “ascensão” de Jesus (At 1, 10-11; Jo 14, 16). E, em 1 Pedro 3,22 é usado no sentido de “subir” e não “descer”. O próprio livro de 2 Enoque (Enoque Eslavo, pseudepígrafo do Séc. II d.C), que tem dependência de 1 Enoque, e o Testamento de Levi (pseudepígrafo do século I a.C), afirmam que os Vigilantes decaídos foram colocados no segundo céu. Por isso, é mais provável pelo contexto de 1 Pedro e da literatura antiga, a presença da ideia de que Jesus "subiu" (até o céu?) e anunciou algo aos “espíritos em prisão”. Como diz Elliott:

A descrição de Jesus Cristo e sua atividade pós-morte em 1 Pd 3,18- 22, eu sustento, que faz claro uso dos temas e linguagem contidas em 1 Enoque 6-16, descrevendo Cristo como uma figura de Enoque ascendendo ao céu e anunciando a condenação para os angélicos espíritos punidos e aprisionados dos tempos de Noé.<sup>28</sup>

No texto de 1 Enoque o conteúdo do anúncio aos espíritos é condenatório e escatológico. Provavelmente, a perícopes petrina carregue a mesma ideia, por isso o conteúdo da mensagem de Jesus não é o kerigma de salvação, como mensagem básica cristã, mas anúncio de condenação à luz da tradição enoquita. Os espíritos presos que se refere o texto é uma lembrança dos Vigilantes da narrativa do Mito dos Vigilantes, os quais além de serem aprisionados estavam esperando para o fim dos tempos a condenação escatológica (que em 1 Enoque seria o dilúvio).

Assim, em 1 Pedro 3,19 não encontramos base para a tão conhecida "descida de Jesus ao inferno", mas um indício de como o Mito dos Vigilantes ajuda-nos na compreensão de alguns textos complicados da literatura cristã, porque ecoam imagens, ideias e imaginário da literatura enoquita.

---

<sup>28</sup> ELLIOTT, J. H. 1 Enoch, 1 Peter, and Social Scientific Criticism. A Review Article on a Major 1 Enoch Commentary. In: *Biblical Theology Bulletin* 39 (2009): 39-43, p. 41.

## ANJOS APRISIONADOS: MITO DOS VIGILANTES, JUDAS 6 E 2 PEDRO 2,4

Começamos, nesta parte, por Judas. O verso que nos interessa encontra-se dentro de uma grande argumentação – grande em comparação com o tamanho da obra inteira – contra alguns na comunidade com ideias e práticas mais liberais, vistas pelo autor como libertinas (v.4)<sup>29</sup>. Esses falsos mestres tinham livre circulação na comunidade, a ponto de participarem das festas do ágape (v.14). E sem medir as palavras, o autor metralha acusações e duras críticas contra os tais enganadores (v. 8, 10, 11, 12, 13,16); o texto é tão forte que assusta! O que também revolta o autor dessa missiva é a forma desrespeitosa como tratam as potestades ou seres angelicais: “Do mesmo modo, essas pessoas, levadas por seus devaneios, mancham a carne, desprezam o senhorio de Deus e insultam as *potestades/autoridades* (seres gloriosos)” (v.8).

A pequena epístola inicia sua exortação ilustrativa no verso 5, uma introdução à lista de exemplos negativos bem conhecidos e retirados da tradição judaica: “desejo, porém, vos lembrar...” (v.5). O conhecimento das histórias por parte dos leitores fica bem claro no uso do verbo *hupomimnesko* (lembro, recordo, faço alguém lembrar). O autor começa com a experiência do êxodo egípcio, pelo qual Deus salvou os fiéis e fez perecer os infiéis (v.5). Depois desse doloroso exemplo, ele usa outra ilustração: os anjos que não conservaram a sua dignidade e abandonaram sua moradia (v.6). A pergunta inicial é: quem são esses anjos? A respeito de qual evento o texto se refere? Na continuidade da argumentação, ele diz que os mesmos agora estão presos em cadeias eternas debaixo da escuridão para o juízo do grande dia (v.6). Para entendermos melhor sobre esses seres aprisionados, leiamos o verso 7 (numa tradução mais literal): “como Sodoma, Gomora e as cidades ao redor, da mesma maneira desses que se prostituíram e seguiram atrás de carne (natureza) diferente, foram postos como exemplos, colocados debaixo da condenação do fogo eterno” (v.7). No texto, o pronome demonstrativo desses (*toutois*) faz referência aos anjos anteriormente citados, porque concordam sintaticamente. Assim, as experiências dos anjos rebeldes e de Sodoma e Gomora são usadas comparativamente para servirem de exemplos de erros no âmbito sexual, ou seja, o mal de se prostituir (*ekporneusasai*) – um detalhe, essa prostituição é com outra carne ou natureza diferente (*hetéras*). Em suma, temos a imagem de seres angelicais rebeldes que deixaram seu lugar de origem e caíram em prostituição, e por causa disso estão presos na escuridão guardados para o julgamento final.

---

<sup>29</sup> VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva*. Introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e aos Pais Apostólicos. São Paulo, Editora Academia Cristã Ltda, 2005.

Como diz Fiorin, “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio”<sup>30</sup>. Assim, um discurso está sempre em diálogo com outros discursos e isso pode ser em nível de intertextualidade (relação de textos: citação, referência ou estilização através de outros textos). Por isso, é nítida a relação intertextual entre Judas e 1 Enoque. Aquele utiliza a história deste, de anjos aprisionados por causa de suas ações libertinas, para mostrar como Deus tem uma justa condenação para os infiéis. Mais a frente, a mesma epístola de Judas, para condenar a maneira como aqueles falsos mestres tratavam os seres celestiais, cita no nono versículo outro pseudepígrafo judaico, *Assunção de Moisés*, no qual até Miguel agiu respeitosamente ao lutar com o Diabo pelo corpo de Moisés.

Agora, partamos para outro texto em que aparece o tema dos seres aprisionado, 2 Pedro 2,4. Todo o segundo capítulo de 2 Pedro é muito parecido com Judas 6-13. Isso é facilmente percebido porque, como é consenso entre os pesquisadores, aquela epístola é dependente desta<sup>31</sup>.

Num contexto parecido de oposição a um grupo de falsos mestres (2 Pd 2,1-3; 10-13; 14), 2 Pedro lista vários exemplos de infiéis que sentiram o julgamento divino. Como em Judas, ele relembra os anjos, Sodoma e Gomora e Balaão, deixando de lado os exemplos de Caim e Coré (Jd 11), como também não cita diretamente os textos pseudepígrafos presentes em Judas.

Ao utilizar o mesmo exemplo de Judas 6, 2 Pedro cita-o quase literalmente, mas com um pequeno detalhe a mais: o Tártaro. Por isso, a distintiva característica teológica de 2 Pedro é encontrada em sua notável combinação dos imaginários helenístico e escatológico judaico<sup>32</sup>. O texto fala dos anjos caídos, mas coloca-os no Tártaro da mitologia grega (presente, por exemplo, em: Hesíodo [Teogonia 715–30] e Homero [Ilíada 8.11–19; Odisséia 11]): “Se, porém, Deus não poupou os anjos que pecaram, mas tendo [os] lançado no tártaro (tartarósas) em cadeias de trevas, deixou-os guardados para o juízo” (2 Pd 2,4).

Assim, em 2 Pedro as histórias dos Titãs e a tradição dos anjos caídos são entrelaçadas para anunciar o julgamento contra os falsos mestres<sup>33</sup>. Nicklesburg define bem a relação da epístola de Judas, Mitos dos Vigilantes (1 Enoque) e a mitologia grega em 2 Pedro: "Sobre a

---

<sup>30</sup> FIORIN, Luiz José. *Introdução ao Pensamento...* p. 19.

<sup>31</sup> BILLINGS, Bradly S. The Angels who Sinned . . . He Cast into Tartarus (2 Peter 2:4): Its Ancient Meaning and Present Relevance In: *The Expository Times* 119 (2008):152-157.

<sup>32</sup> BAUCKHAM, R. J. 2 Peter. In: MARTIN, Ralph P. and DAVIDS, Peter H. *Dictionary of the Later New Testament & Its evelopments*. Downers Grove, Inter Varsity Press, 1997.

<sup>33</sup> BILLINGS, Bradly S. The Angels who Sinned... p. 536.

imagem da epístola de Judas, 2 Pedro trabalha a história da rebelião dos Vigilantes e aprisionamento com uma proposta similar a de Judas (2:4-5), e a embeleza com temas da mitologia Grega"<sup>34</sup> .

Como percebemos, o tema dos anjos aprisionados no Novo Testamento tem íntima relação de dependência com o Mito dos Vigilantes (1 Enoque 6-11), o qual está no Livro dos Vigilantes, que, por sua vez, pertence a obra maior chamada de 1 Enoque.

## CONCLUSÃO

Muitos outros textos poderiam ser utilizados para demonstração dessa interdiscursividade e intertextualidade, como, por exemplo, 1 Co 11, 10; 1 Tm 2,9-11; 1Pd 3,3-4 e Ap 9,1-11. 12,9. Assim, encerramos nossas reflexões sinalizando o imprescindível valor desse tipo de *corpus* literário, conhecido na academia como literatura apocalíptica. O conhecimento mais técnico do mundo da apocalíptica judaica, sem nos esquecermos dos manuscritos encontrados em de Qumran, pode ajudar na compreensão das idéias que permeavam o contexto no qual o movimento cristão se articulou e construiu suas crenças e expectativas, como as encontramos no Novo Testamento.

## Referências Bibliográficas

BAUCKHAM, R. 2 Peter. In: MARTIN, Ralph P. and DAVIDS, Peter H. *Dictionary of the Later New Testament & Its evelopments*. Downers Grove, Inter Varsity Press, 1997.

BAUCKHAM, R. Jude, Epistle of. In: FREEDMAN, D. N. *Anchor Bible Dictionary*. New York, Doubleday, 1992.

BILLINGS, Bradly S. The Angels who Sinned . . . He Cast into Tartarus (2 Peter 2:4): Its Ancient Meaning and Present Relevance In: *The Expository Times* 119 (2008):152-157.

BLACK , M. *Apocalypsis Henochi Grace*. PVTG 3. Lieden, Brill, 1970.

CHARLES, R. H. *The Book of Enoch or I Enoch*. Oxford, Clarendon, 1912.

CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Vol. I. New York, Doubleday, 1983.

COLLINS, J.J. *The Apocalyptic Imagination: an Introduction to the Jewish Matrix of Christianity*. New York, CROSSROAD, 1989, p.36.

DIEZ MACHO, Alejandro. *Apócrifos del Antigo Testamento*, Vol. V. Madri, Ed. Cristiandad, 1987.

---

<sup>34</sup> NICKELSBURG, George W. E. *I Enoch*... p. 86.

ELLIOTT, J. H. 1 Enoch, 1 Peter, and Social Scientific Criticism. A Review Article on a Major 1 Enoch Commentary. In: *Biblical Theology Bulletin* 39 (2009): 39-43.

ELLIOTT, J. H. 1 Peter: *A New Translation with Introduction and Commentary*. Vol. 37b. The Anchor Bible. New York, Doubleday, 2008.

ELLIOTT, J. H. *Um Lar Para Quem Não Tem Casa: Introdução sociológica a primeira carta de Pedro*. São Paulo, Paulinas, 1985.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*. São Paulo, Ática, 2008.

GARCÍA MARTÍNES, Florentino. GARCÍA MARTÍNES, Florentino. *Qumran and Apocalyptic. Studies on the Aramaic Texts from Qumran*. LEIDEN. NEW YOURK. KÖLN, E.J. Brill, 1994.

HIEBERT, D. Edmond. The Suffering and Triumphant Christ: An Exposition of 1 Peter 3:18-22. In: *Bibliotheca Sacra* (1982): 146-158.

MURRAY, R. The Origin of Aramaic 'îr, Angel'. In: *Orientalia* (n.s.) 52 (1984): 303-17.

NICKELSBURG, George W. E. *1 Enoch: a Commentary on the Book of 1 Enoch, chapters 1-36; 81-108*. Minneapolis, Fortress, 2001.

NICKELSBURG, George W. E. and VANDERKAM, James C. *1 Enoch: A new translation*. Minneapolis, Fortress, 2004.

NOGUEIRA, Paulo A. S. O Mito dos Vigilantes: apocalípticos em crise com a cultura helenista. *Religião e Cultura*, n. 10 (2006): 145-155.

ROWLAND, C.; MORRAY-JONES, Christopher R. A. *The Mystery of God. Early Jewish Mysticism and the New Testament* (Compendia Rerum Iudaicarum ad Novum Testamentum, Volume 12) Leiden, Brill Academic, 2009.

STRELAN, R. The Fallen Watchers and the Disciples in Mark. In: *Journal for the Study of the Pseudepigrapha* 20 (1999): 73-92.

VANDERKAM, James C. The Theophany of Enoch. In: *Vetus Testamentus* 23, n. 2 (1973): 129-150.

VANDERKAM, James C. *Enoch and the Growth of an Apocalyptic Tradition*. Washington, DC: The Catholic Biblical Association of America, 1984.

VANDERKAM, James C. *Enoch, a Man for All Generations*. Columbia, University of South Carolina Press, 1995.

VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva*. Introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e aos Pais Apostólicos. São Paulo, Editora Academia Cristã Ltda, 2005.